

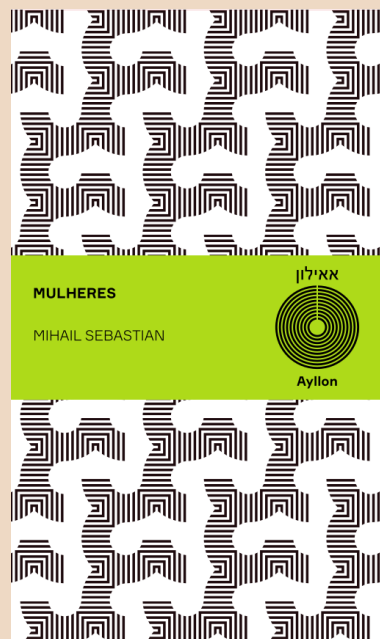
A literatura romena e o amor

Em Mulheres Mihail Sebastian retrata o amor sob diversas formas: às vezes imprudentes, outras gloriosas mas sempre efêmeras.

Mulheres, de 1933, acontece em quatro histórias cheias de nuances. O livro acompanha os relacionamentos de tefan Valeriu, desde sua experiência enquanto jovem em um *resort* nos Alpes até sua vida já estabelecida em Bucareste e Paris (à medida que cada uma dessas *mulheres* lhes abre novos mundos). Em prosa leve e elegante, Mihail Sebastian, um dos maiores escritores romenos do século XX, explora a saudade, a alteridade, a empatia e o arrependimento. *Mulheres*, um retrato da Europa entre guerras, é também um hino ao amor em todas as suas formas, românticas ou platônicas: às vezes imprudentes, muitas vezes gloriosas e sempre, em última análise, efêmeras.

Sobre o autor

- O autor **Mihail Sebastian** (1907–1945) foi dramaturgo, jornalista, ensaísta e romancista romeno. É afinado com o caráter rebelde das vanguardas artísticas europeias das décadas de 1920 e 1930, assim como os compatriotas Emil Cioran, Eugène Ionesco e Mircea Eliade. Sebastian não teve o reconhecimento de seus contemporâneos por ser judeu, e passou a ser excluído e execrado desse círculo. A publicação da obra de Sebastian traz de volta à atenção do público um dos mais importantes autores do cenário literário romeno.



Título *Mulheres*

Autor Mihail Sebastian

Tradução Fernando Klabin

Editora Hedra

ISBN 978-85-7715-934-5

Páginas 150

Trechos do livro

- Creio que sua vida fora envenenada por aquelas duas mãos, que ela carregava com a sensação instintiva de sua inutilidade. Pareciam alheias ao corpo, feitas de madeira, demasiado pesadas. Do ponto de vista do observador, tinha a impressão de que aquelas mãos estavam sempre tensas e arqueadas [...] Sempre que Emilie se enrolava, ou ficava triste, ou furiosa, estendia as mãos ao longo do vestido, como se as tentasse esconder ou apoiar em algo. Costumava pensar que, se as roupas de Emilie tivessem bolsos, sua vida poderia ter sido muito mais simples.
- No verão, viajamos para Talloires, onde nos hospedamos numa pousada muito barata, mas de ambiente refinado (um deleite para o gosto burguês de Arabela), e lá desempenhamos, despretensiosamente, o papel de “jovens recém-casados felizes”, na companhia de gente decente e fofoqueira. Arabela cintilava de orgulho em meio às amigas da pousada, todas elas esposas criteriosas, e como lhe caía bem dessa vez a aura de “mulher casada”, ela que durante tantos anos perambulava por um universo duvidoso e agitado. Sentia-me realmente contente por ter concedido àquela mulher a única volúpia para a qual provavelmente fora predestinada: a ilusão do amor legítimo. E me alegrava ao ver como Arabela aos poucos perdia a sombra de dúvida — ou talvez de pânico — que algumas vezes cobriu, no passado, o seu sorriso.
- — Vou embora amanhã e me pergunto se não estaria indo tarde demais. Um instante tarde demais. — Isso significa? — Isso significa que sua passagem pelo terraço de manhã, de camisa branca, de pescoço descoberto, com seu nome estrangeiro, que ninguém na pousada consegue pronunciar direito, com essa sua juventude decidida e confusa, com sua vida desconhecida, com os jornais estrangeiros que você recebe de lugares remotos, com as cartas que lhe chegam em envelopes com selos estranhos, com suas crispções rabugentas, com suas alegrias explosivas, com sua paixão pela leitura de livros e por rolar na grama, é uma imagem

agradável. Ștefan pega na sua mão para beijá-la, mas a encontra tão tranquila, tão admirada com seu aperto emocionado, tão segura de si, que, sem poder mais soltá-la, com medo de que o gesto seja demasiado brutal e, também, sem poder mantê-la presa na sua, ele sugere que parta.